



CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III- GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESCOLA E ENEM: DIÁLOGOS DESENCONTRADOS

Acadêmica: Camila Freire Santos

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

GUARABIRA/PB
2016

CAMILA FREIRE SANTOS
PROF. DR. JUAREZ NOGUEIRA LINS

PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESCOLA E ENEM: DIÁLOGOS DESENCONTRADOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Guarabira-PB, em cumprimento às exigências para obtenção do Grau de Licenciado em Letras sob orientação do Professor Dr. Juarez Nogueira Lins.

GUARABIRA/PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237p Santos, Camila Freire
Produção textual e Enem: diálogos desencontrados
[manuscrito] / Camila Freire Santos. - 2016.
31 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Língua Portuguesa. 4. Escola. I.
Título.

21. ed. CDD 371.27

CAMILA FREIRE SANTOS

PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESCOLA X ENEM: DIÁLOGOS DESENCONTRADOS

APRESENTADA EM: 05/02/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. (CIAREZ NOGUEIRA LINS)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA (UEPB)
ORIENTADOR

Prof. (LEONIDAS JOSÉ DA S. JUNIOR)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA (UEPB)
1º EXAMINADOR(A)

Prof. (CLEUMA REGINA R. R. LINS)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA (UEPB)
2º EXAMINADOR(A)

GUARABIRA/PB

2016

DEDICATÓRIA

*A minha mãe, Marinalva pelo amor, dedicação e apoio.
Seus ensinamentos me guiaram. Sem seu esforço de
todos os dias eu não teria chegado até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por seu amor divino, pela proteção, intercessão e força para continuar em meio às adversidades.

À minha mãe, Marinalva Freire Santos pelo amor e incentivo.

Ao meu namorado, Yuri por seu amor, carinho, cuidado e compreensão nas horas difíceis.

Ao meu orientador Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, por ter me aceito e me acolhido, agradeço por me receber de maneira receptiva e aberta.

A todos os professores que conheci ao longo dessa trajetória de curso, pela transmissão do conhecimento, que tornaram possível um sonho virar realidade.

A todos os funcionários do Campus III que participaram de forma direta ou indireta da minha formação acadêmica.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esse trabalho trata da problematização da dificuldade da produção de texto no contexto escolar. Constata-se a partir dos vestibulares como o ENEM, por exemplo, que a preparação dos jovens nas escolas para a escrita em geral é precária. Tendo em vista a necessidade de reflexão sobre a inter-relação entre a prática docente e a qualidade da produção textual dos alunos, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre a produção de texto no contexto escolar e seus reflexos para o professor na aplicação e correção de propostas textuais na sala de aula. As fontes científicas utilizadas para o embasamento teórico desta pesquisa foram livros, revistas, sites na internet e fundamentação em pesquisa bibliográfica com base nas indagações dos autores: Irandé Antunes (2003), Bagno (2003), Bakhtin (1981), Marcuschi (2008), entre outros e também nos PCNs da educação (2001).

Palavras-Chave: Leitura. Escrita. Língua Portuguesa. Escola

ABSTRACT

This paper deals with the questioning of the difficulty of the text production in the school context. It appears from the vestibular as ENEM, for example, that the preparation of young people in schools to writing in general is precarious. Given the need for reflection on the interrelationship between teaching practice and the quality of textual production of the students, this study aims to reflect on the text production in the school context and its consequences for the teacher in the application and correction textual proposals in the classroom. The scientific sources used for the theoretical basis of this research were books, magazines, web sites and grounding in literature based on questions of authors: Irandé Antunes (2003), Bagno (2003), Bakhtin (1981), Marcuschi (2008) among others and also in education PCNs (2001).

Keywords: Reading. Writing. Portuguese language. School

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 A produção de texto na escola.....	11
2.1.1 O que se faz	11
2.1.2 O que se propõe	12
2.2 A produção de texto além da escola: o caso do ENEM	15
2.2.1 Considerações iniciais	15
2.2.2 As exigências do ENEM para a produção do texto escrito	15
2.3 As dificuldades apresentadas pelos candidatos do ENEM.....	18
2.3.1 Dificuldades gerais	18
2.3.2 A questão de interpretação do texto base - proposta de redação 2014	19
Proposta de redação do ENEM 2014	20
Análise de redação do Enem 2014	21
3 Fatores do insucesso e dificuldades na produção de texto	22
3.1 A intermediação do professor	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

A produção de textos, na escola, é uma questão de grande preocupação social. Apesar da elaboração de variados textos durante o período de ensino básico obrigatório, os alunos se sentem despreparados ao se deparar com propostas de construção de texto. Sobre a edição 2014 do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), chamou-se a atenção o grande número de candidatos que tiraram a nota zero na prova de redação.

Assim como Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2003), inseridos no quadro da sociolinguística educacional, concorda-se que o professor precisa saber intervir, de acordo com as pesquisas linguísticas mais recentes, diante das variedades estigmatizadas da língua. Infelizmente, nota-se ainda que o tratamento dado, em especial, às atividades de produção textual, não considera essas questões. Muitas vezes a atividade de produção textual ocorre a partir da indicação do professor de um tema ou de um “tema livre” sem muitas orientações, muitas vezes ressaltando apenas a importância da “correção” da linguagem.

Sendo assim, podemos concordar com a posição de (BRITO 2001): É notório que a dificuldade de produção escrita existe, mas a escola sempre encontrou problemas para refletir sobre os motivos pelos quais o aluno carrega bloqueios para expressar seu pensamento. Na realidade, na escola, sempre houve a tendência de se isolar a produção textual escrita e a leitura de seus usos efetivos da comunicação, privilegiando a reprodução mecânica de fatos gramaticais, pois se considerava que o domínio de estruturas gramaticais garantiria uma produção textual escrita proficiente. (PCNs, 2001, p.60)

Apesar de o atual discurso pedagógico valorizar a produção textual no ensino da Língua Portuguesa, percebe-se que o tradicionalismo impõe-se a as tendências e tentativas de mudanças na prática:

Mesmo reconhecendo o valor social da língua escrita, os alunos têm dificuldades em expressar, por ela, os conhecimentos relativos a um dado assunto estocado em sua memória em formas lógicas e/ ou hierarquizadas. Em verdade, o produtor apresenta dificuldades em linearizar seus conhecimentos devido às restrições técnicas da produção textual escrita que no momento de sua elaboração passa a

ser objeto de uma reorganização, adequando-se às regras de organização daquele sistema linguístico e ao esquema textual que lhe foi requisitado produzir. (PCNs, 2001, p. 59)

Desde sempre professores têm privilegiado, no ensino de Língua Portuguesa, os conteúdos gramaticais de maneira sistematizada, esquecendo-se de que, somente no desenvolvimento da produção de texto, quando o escritor direciona a sua própria escrita, esses conhecimentos são úteis. O Ensino da Língua Portuguesa não deve-se preocupar apenas com o estudo do código linguístico, mas também, com suas funções sociais, com sua comunicabilidade. (PCNs, 2001, p. 61)

É preciso que as dificuldades e problemas sejam trabalhados, objetivando contribuir para a capacitação dos alunos na produção de textos e que atendam aos critérios de clareza, precisão, correção e organização.

Um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante a muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas. (MARCUSCHI, 2008, p.58)

Diante dessas dificuldades com relações textuais, cabe analisar a seguinte questão: Quais as práticas docentes necessárias como recurso para o ensino da produção escrita na escola? Como o professor pode intervir para identificar as dificuldades de seus alunos?

Deste modo o objetivo geral fundamenta-se em: Refletir sobre a dificuldade da produção de texto nas escolas, constatada a partir dos números apontados pelo ENEM. E os objetivos específicos constituem-se em: Analisar quais as práticas docentes necessárias como recurso para o ensino da produção escrita na escola; Identificar como o professor pode intervir para identificar as dificuldades de seus alunos; Refletir sobre a inter-relação entre a prática docente e a qualidade da produção textual dos alunos; Contextualizar sobre a produção de texto na escola e seus reflexos para o professor na aplicação e correção de propostas textuais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A produção de texto na escola

2.1.1 O que se faz

A escola tem sua prática de produção textual sedimentada em concepções reducionistas, da linguagem e da escrita. Na situação escolar em geral o aluno/produtor elabora um texto simplesmente para obter uma nota, escrevendo para interlocutor nenhum, sem qualquer propósito a não ser receber uma nota. Preocupa-se apenas em levar uma informação acerca de determinado tema ao professor/receptor, que para o aluno é um revisor, um apontador de “erros”. Procura, simplesmente, moldar suas mensagens dentro das exigências gramaticais normativistas. O professor limita-se a uma prática de avaliação textual, na qual ele apenas assinala/ marca os erros no texto, diminui os pontos da nota, e o devolve ao aluno sem apontar soluções para esses erros. Com isso o professor encerra a atividade na maioria das vezes, não retomando o texto, para uma possível reescrita e reavaliação.

Para (ANTUNES, 2003, p. 25) no que se refere ao ensino da escrita pode se constatar ainda, nas escolas, algumas práticas equivocadas. Vejamos algumas dessas práticas:

- A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, nessa linguagem vazia de sentidos, os princípios básicos da textualidade são violados e ignorados, porque o que se diz é reduzido a uma sequência de frases soltas, desligadas uma das outras. Realizadas em exercícios de formar frases soltas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativos, além do mais esse tipo de exercício afastam os alunos daquilo que eles fazem naturalmente, quando interagem com os outros, que são textos/ conversas com começo, meio e fim, para expressar sentido e intenções;
- A prática de uma escrita sem função destituída de qualquer valor interacional uma vez que alguns livros didáticos e até mesmo os professores em sala de

aula nas propostas de produção textual não levam em conta os fatores interativos do ato de escrever, não estabelecendo assim uma relação entre linguagem e mundo, entre autor e leitor do texto;

- A prática de uma escrita que se limita a oportunidades de exercitar aspectos não relevantes da língua, como por exemplo, a fixação nos exercícios de separação de sílabas, de reconhecimentos de dígrafos, encontros vocálicos e consonantais;
- A prática, enfim, de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o aluno realiza a produção de texto inteiramente pra fins de apenas realizá-la não importando “o que se diga” e o “como se faz”.

Como se pode perceber, tais práticas evidenciam a constituição de produções artificiais que em nada contribuem para a formação de cidadãos críticos e sujeitos emancipadores. Dificultando ainda mais o aprendizado que o aluno precisará no exercício de ser pensante e emancipador na sociedade. O professor não pode insistir numa prática escolar descontextualizada, sem propósito ou referência. O trabalho com a escrita compreende etapas distintas de realização e é a partir das orientações do professor que ao aluno se tornará capaz de executar todas as etapas que pressupõe o trabalho de produção textual. Assim, cada experiência didática em sala de aula deve servir de caminho à ampliação das possibilidades de compreensão de outros textos a serem lidos e produzidos. A produção textual é um processo dialógico que deve estar contido na escola, mas também vai além da sua jurisdição.

2.1.2 O que se propõe

Segundo (ANTUNES, 2003, p. 61-66) para uma prática de leitura efetiva, o professor deve levar em consideração os seguintes princípios:

- Uma escrita de autoria também dos alunos - a produção de texto deve ter o aluno como autor e não apenas o leitor da palavra da escrita;
- Uma escrita de textos - a escrita escolar deve estabelecer vínculos comunicativos. A escrita de texto deve interagir com o ambiente social do aluno. A escrita de palavras soltas só faz inibir a competência que é necessária para que o aluno consiga criar textos coesos e coerentes;
- Uma escrita de textos socialmente relevantes - as propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder àquilo que, na verdade se escreve fora da escola e aos diferentes usos sociais da escrita e, assim sejam textos de gêneros que têm uma função determinada, conforme as práticas vigentes na sociedade;
- Uma escrita funcionalmente diversificada- cada jeito diferente de escrever ganha sentido e se justifica porque responde a uma diferente função interativa. O aluno deve saber qual função o texto deve cumprir, não apenas para que seja um exercício escolar sem funcionalidade, mas que tipo de funcionalidade esses textos têm de representar;
- Uma escrita de textos que têm leitores- os textos dos alunos, devem ter leitores, assim devem dirigir-se a alguém concreto;
- Uma escrita contextualmente adequada- nessa perspectiva, o bom texto não será obrigatoriamente o texto correto, mas o texto adequado à situação em que se insere o evento comunicativo. Dessa forma não é “a gramática” apenas que vai dizer se o texto está bom ou não, mas todas as regras sociais presentes que definem sua qualidade. Tem faltado esse olhar independente do professor, e em compensação tem sobrado o olhar para o que a gramática prescreve.
- Uma escrita metodologicamente ajustada- os alunos devem ter condições necessárias de tempo e planejamento para construir seus textos. O ideal

é que se crie com os alunos, a prática do planejamento, a prática das revisões, de maneira que os alunos possam viver como forma natural a experiência de fazer e refazer seus textos. Tornando assim essa revisão um hábito já previsto nas atividades escolares diárias.

- Uma escrita orientada para a coerência global- a fixação nos padrões da correção ortográfica desviou a atenção do professor que dessa forma deixou de perceber a coesão, a coerência, a informalidade, a clareza, a concisão e outras propriedades do texto. O ideal será que o professor conceda a maior atenção aos aspectos centrais da organização e da compreensão do texto e aos elementos de sua situação, o encadeamento dos vários segmentos do texto, bem como o sentido, a relevância e o interesse daquilo que é dito.
- Uma escrita adequada também em sua forma de se apresentar- aspectos da superfície do texto devem merecer o devido cuidado. Esse cuidado com a apresentação do texto faz parte da cooperação do escritor com o leitor, para que ele chegue aos sentidos e às intenções pretendidos.

De acordo com os princípios orientadores trazidos pela autora, podemos perceber que a produção de texto na escola ainda é um desafio a ser vencido. No entanto, se a proposta for transformar o aluno em sujeito da sua produção escrita, preparado para as situações de uso dessa competência, nas mais diferentes esferas sociais. O trabalho com o texto na sala de aula deve possibilitar uma abordagem crítica, como também trabalhar questões como a intencionalidade, recursos e estratégias utilizadas para alcançar determinado (possível) objetivo, dentre outras questões. Sobretudo, para a efetivação de uma produção textual abrangente e formadora de produtores, as ações desenvolvidas na prática do ensino e da produção textual devem ser realizadas dentro do processo dialógico de construção do conhecimento.

Os critérios do professor para análise e proposta do texto devem ser gramaticais e linguísticos em uma constituição interdependente. Dessa forma a

linguagem e a produção textual adquirem uma outra concepção, uma formação dialógica na qual é levado em consideração todos os constituintes do processo comunicativo. Portanto, o texto escrito pelos alunos deve abranger além de uma simples informação, outros fatores como as marcas pessoais do produtor, do contexto em que se está inserido, da formação discursiva a que pertence e da sua finalidade real. Com isso o texto constitui-se de reais sentidos pela sua inserção num processo real de interlocução.

2.2 A produção de texto além da escola: o caso do ENEM

2.2.1 Considerações iniciais

Fora das práticas escolares há as práticas cotidianas que exigem dos sujeitos o uso das competências e habilidades desenvolvidas nas práticas escolares. O aluno que produz textos desconectados da realidade, sem marcas de autoria, sem poder de contestação e/ou reivindicação poderá ter problemas quando se defrontar com a necessidade de produzir textos fora do âmbito escolar, seja em casa, numa reunião, no emprego ou mesmo na atividade de preparação para a vida profissional: o vestibular.

Cada esfera dessas tem em suas exigências particulares, mas nos limitaremos precisamente ao Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM. Esta avaliação tem critérios específicos para a produção escrita.

2.2.2 As exigências do ENEM para a produção do texto escrito

Conforme estabelece o inciso VI do art. 16 do Anexo I ao Decreto nº 6.317, de 20 de dezembro de 2007, e tendo em vista o disposto na Portaria/MEC nº 807, de 18 de junho de 2010, (Ministério da Educação) e o EDITAL Nº 12, DE 8 DE MAIO DE 2014. Os textos do Enem são corrigidos com base em cinco competências, que vão desde o uso da norma culta da língua portuguesa até a capacidade de organizar ideias. Teceremos alguns comentários sobre as mesmas.

Competência 1: Demonstrar domínio da norma padrão da língua escrita.

Essa competência exige que o candidato consiga aliar o conteúdo formal da sala de aula, da gramática e da escrita à análise do dia a dia.

O texto deve funcionar não como transmissão de um conceito de um falante para seu interlocutor, mas deve apresentar a possibilidade de entendimento do outro. Há mecanismos que proporcionam um desenvolvimento do indivíduo na capacidade de leitura aliada a um potencial de fluência discursiva e enunciativa tanto na parte oral quanto na escrita.

Competência 2: Compreensão da proposta de redação.

Deve-se compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver os temas, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

Esse é um dos pontos mais importantes da avaliação, pois se o candidato não compreender a proposta apresentada, ele certamente irá falhar. É necessário que se analise o tema principal, identifique e, desenvolva conceitos e chegue à tese que será defendida ao longo do texto.

A temática apresentada no texto, também é um dado muito significativo na questão da interpretação. Assim a adequação temática é tão importante quanto o questionamento proposto sobre ele

Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

A dissertação deve apresentar argumentos pertinentes ao tema, coerentes interna e externamente. Deve-se considerar também a estratégia de apresentação do texto. É melhor optar pela organização dos sucessivos segmentos que compõem o texto, permitem uma observação melhor das qualidades e dos defeitos da estrutura textual, pois aparecem de modo mais claro.

A finalidade de todo o ato não é só de informar. Ele tem o propósito da argumentação que é, simplesmente, convencer o outro a aceitar o que se pretende comunicar através dos textos que exploram os mecanismos sintáticos e semânticos para

provocar no leitor a crença no ato de transmitir. Qualquer passagem, falada ou escrita, é representada por um texto, sendo um todo significativo, o contexto.

Competência 4: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários à construção da argumentação.

A prova de redação exige que o candidato imprima no papel uma progressão de argumentos. É o momento de demonstrar que se sabe encadear um texto a partir de mecanismos como a subordinação, a coordenação. Tudo isso para que, no fim, possa ser apresentado um texto coerente e coeso.

Se interpretação de texto deve ser um caminho para melhor desempenho na prática da língua escrita o seu interesse maior deve ser o desenvolvimento de estratégias produtoras de significação, o que muda radicalmente o tipo de questionamento normalmente proposto. Não perguntar o que é? mas por que é desse modo? Essa mudança de questionamento transforma o foco de interesse da linha do significado para a linha de estratégia transformando o interesse pelo desenvolvimento, muito mais do que pela finalidade. Essa proposta diferente abre espaço para a possibilidade de sistematizar essas estratégias, no que se refere ao modo de organizar o texto.

Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

A proposta de intervenção para o problema abordado é a chave para a redação. É preciso que os candidatos tenham sugestões de intervenção e ações concretas.

A criatividade e a sensibilidade são privilégios dos homens que conseguem perceber um universo externo. Cada pessoa possui uma representação interior de memórias associativas, de pensamentos e linguagens simbólicas. A experiência de viver dá origem às potencialidades criativas dos homens, dando formas expressivas à linguagem verbal e não verbal. Ao trabalhar o texto, os alunos não só desenvolvem a interpretação, mas também adquirem a compreensão de sua funcionalidade diante da variação de potencialidades de ocorrências representativas, de acordo com sua relação com a identidade do que está representado.

É importante ressaltar o valor da produtividade do discurso e o valor das atividades propostas em que o aluno tenha sempre que redigir para expressar o seu conhecimento de mundo.

2.3 As dificuldades apresentadas pelos candidatos do ENEM

2.3.1 Dificuldades gerais

À medida que as bancas de vestibulares foram percebendo que os candidatos não conseguiam expressar suas ideias de maneira organizada, a redação passou a ter um peso maior na seleção, chegando mesmo a ser considerada uma prova eliminatória. A partir de então, a produção de textos passou a ser mais enfatizada em todas as séries, principalmente no ensino médio, em que o vestibular tornou-se um dos principais objetivos/alvos da escola, do professor, do aluno e da família.

Porém a dificuldade permanece e, em muitas escolas são ensinados aos alunos, principalmente nas terceiras séries do ensino médio e nos cursinhos, com propósitos imediatistas, não proporcionando oportunidades ao aluno/vestibulando para o desenvolvimento de habilidades que verdadeiramente favoreçam a maturidade e a criatividade na produção textual.

Muitos alunos são reprovados por causa das dificuldades para redigir um texto, pois não conseguem organizar e expressar as ideias de forma clara, precisa e coerente. Sem dúvida, boa parte dessa dificuldade está relacionada com a não utilização das estratégias necessárias para elaborar um texto, bem como com a falta de conhecimento sobre superestrutura textual e fatores de textualidade como coesão e coerência. A retenção, no entanto, não tem resolvido o problema, pois, ao final de mais um ano, pouco progresso é observado.

Na verdade, parece que a dificuldade não é só dos alunos, mas também dos professores, que, em sua maioria, não se sentem preparados suficientemente para ensinar ou desenvolver tal atividade de maneira eficaz. Boa parte desses professores acredita que trabalhar com produção de texto significa determinar, toda semana, um tema para que os alunos desenvolvam

2.3.2 A questão de interpretação do texto base - proposta de redação 2014

Segundo o portal do Instituto Nacional de Ensino e Pesquisas (INEP), a prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2014 teve como tema: Publicidade Infantil em Questão no Brasil. Entre os alunos participantes, 529.374 obtiveram nota zero na redação da prova (8,5% dos candidatos). Deste número, foram anuladas 248.471 redações.

De acordo com a proposta de redação podemos observar que o exame (ENEM) trouxe um tema abrangente, e com isso, muitos candidatos podem ter se perdido na condução da produção textual. Dentre os que zeraram a redação, 217.339 fugiram ao tema "Publicidade infantil em questão no Brasil". A grande maioria teve problemas com a interpretação do tema, ao se depararem com um tema aberto como este muitos alunos foram tratar ou só de publicidade ou só da questão infantil ou mesmo tangenciaram esse assunto, o que levou na nota zero.

Diante das dificuldades constatadas a partir desse exame com o que diz respeito à produção textual, cabe analisar a seguinte questão: que aspectos foram negligenciados no que diz respeito a interpretação da proposta?

Proposta de redação do ENEM 2014

2014

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Publicidade infantil em questão no Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

A aprovação, em abril de 2014, de uma resolução que considera abusiva a publicidade infantil, emitida pelo Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), deu início a um verdadeiro cabo de guerra envolvendo ONGs de defesa dos direitos das crianças e setores interessados na continuidade das propagandas dirigidas a esse público.

Elogiada por pais, ativistas e entidades, a resolução estabelece como abusiva toda propaganda dirigida à criança que tem "a intenção de persuadi-la para o consumo de qualquer produto ou serviço" e que utilize aspectos como desenhos animados, bonecos, linguagem infantil, trilha sonora com temas infantis, oferta de prêmios, brindes ou artigos colecionáveis que tenham apelo às crianças.

Ainda há dúvidas, porém, sobre como será a aplicação prática da resolução. E associações de anunciantes, emissoras, revistas e de empresas de licenciamento e fabricantes de produtos infantis criticam a medida e dizem não reconhecer a legitimidade constitucional do Conanda para legislar sobre publicidade e para impor a resolução tanto às famílias quanto ao mercado publicitário. Além disso, defendem que a autorregulamentação pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) já seria uma forma de controlar e evitar abusos.

IDOETA, P. A.; BARBA, M. D. A publicidade infantil deve ser proibida? Disponível em: www.bbc.co.uk. Acesso em: 23 maio 2014 (adaptado).

TEXTO II

A PUBLICIDADE PARA CRIANÇAS NO MUNDO

O mapa mostra os seguintes países com ícones: QUÉBEC (Canadá), ESTADOS UNIDOS, REINO UNIDO, IRLANDA, FRANÇA, ITÁLIA, BRASIL, CHILE, NORUEGA, SUÉCIA, DINAMARCA, BÉLGICA, COREIA DO SUL, AUSTRÁLIA.

Autoregulamentação
Não há leis nacionais, o setor cria normas e faz acordos com o governo.

Alerta
Mensagens recomendam consumo moderado e alimentação saudável.

Proibição parcial
Comerciais são proibidos em certos horários ou para determinadas faixas etárias.

Personagens
Famosos e personagens de desenhos não podem aparecer em anúncios de alimentos infantis.

Proibido
Não é permitido nenhum tipo de publicidade para crianças.

Fontes: OMS e Conar/2013. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 24 jun. 2014 (adaptado).

TEXTO III

Precisamos preparar a criança, desde pequena, para receber as informações do mundo exterior, para compreender o que está por trás da divulgação de produtos. Só assim ela se tornará o consumidor do futuro, aquele capaz de saber o que, como e por que comprar, ciente de suas reais necessidades e consciente de suas responsabilidades consigo mesma e com o mundo.

SILVA, A. M. D.; VASCONCELOS, L. R. A criança e o marketing: informações essenciais para proteger as crianças dos apelos do marketing infantil. São Paulo: Summus, 2012 (adaptado).

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

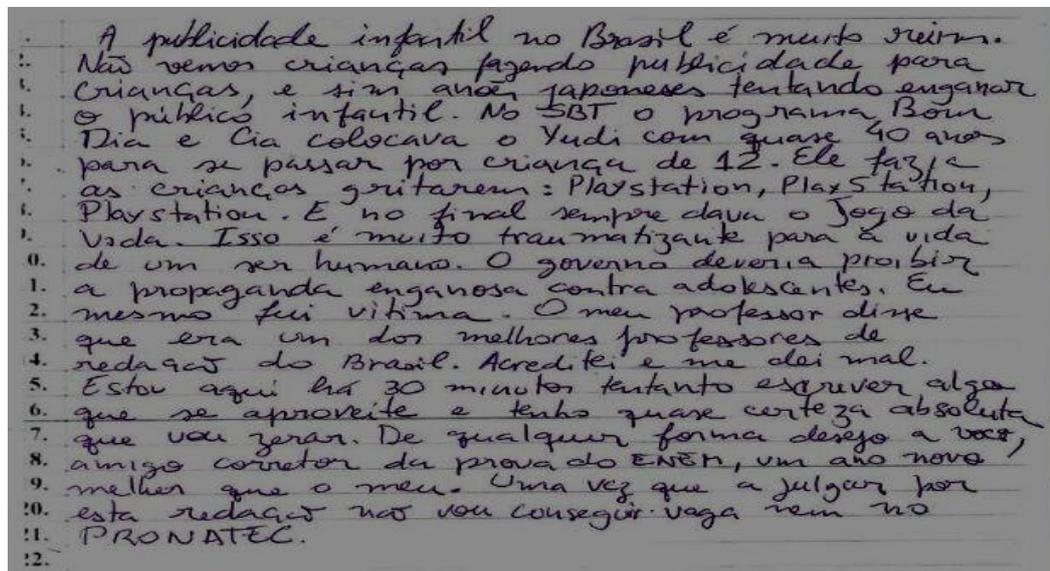
Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "insuficiente";
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo;
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos;
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada com o tema proposto.

LC - 2º dia | Caderno 6 - CINZA - Página 2

Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/11/tema-da-redacao-do-enem-sobre-publicidade-infantil-no-brasil.html>

Análise de redação do Enem 2014



A publicidade infantil no Brasil é muito ruim. Não vemos crianças fazendo publicidade para crianças, e sim anúncios japoneses tentando enganar o público infantil. No SBT o programa Bom Dia e Cia colocava o Yudi com quase 40 anos para se passar por criança de 12. Ele faz e as crianças gritarem: Playstation, Playstation, Playstation. E no final sempre dava o Jogo da Vida. Isso é muito traumatizante para a vida de um ser humano. O governo deveria proibir a propaganda enganosa contra adolescentes. Eu mesmo fui vítima. O meu professor disse que era um dos melhores professores de redação do Brasil. Acreditei e me dei mal. Estou aqui há 30 minutos tentando escrever algo que se aproveite e tenho quase certeza absoluta que vou zerar. De qualquer forma desejo a você, amigo corretor da prova do ENEM, um ano novo melhor que o meu. Uma vez que a julgar por esta redação não vou conseguir vaga nem no PRONATEC.

Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/11/tema-da-redacao-do-enem-sobre-publicidade-infantil-no-brasil.html>

De acordo com a proposta era pedido que fosse trabalhada a questão da publicidade como fator manipulador na criança. Mas muitos colocaram na redação que a questão seria a participação de crianças na publicidade, como neste exemplo de produção textual retirado da internet. O candidato fugiu ao tema proposto não preocupando-se com o sucesso dos objetivos da produção textual, como a interação entre o produtor do texto e o seu receptor.

O discurso por ele proposto não obteve êxito, pois não foi construído um todo significativo. Pois em sua estruturação do texto não existiam elementos que estabelecessem ligação entre as partes, isto é, que confirmem coesão ao discurso. Quanto à argumentação, o texto analisado deixou muito a desejar, uma vez que o autor expressou suas ideias, mas não as defendeu, portanto não houve argumentação.

Outro ponto a ser salientado, é o fato do texto, apesar de ter a proposta de dissertação, não possuir em sua estrutura argumentos suficientes para defender uma ideia ou posição com relação a determinado tema uma vez que não possuía

conhecimentos ou informações suficientes para sustentar uma posição ideológica. É possível analisar também uma falta de envolvimento com o texto por parte do candidato.

Para perceber essas questões, analisaremos a redação brevemente em algumas das exigências estabelecidas pelo (ENEM):

COMPETÊNCIA II (COMPREENSÃO DA PROPOSTA DE REDAÇÃO): O texto aborda de forma incorreta a compreensão do tema proposto por parte do candidato ao invés de ser tratada a questão da publicidade, foi tratada a questão da participação de crianças na publicidade. Podemos observar a partir do trecho: “O programa Bom dia e cia colocava o Yudi com quase 40 anos para se passar por criança de 12.”

COMPETÊNCIA III (ORGANIZAÇÃO DE ARGUMENTOS): A redação não apresenta argumentos pertinentes ao tema proposto. Trata-se de uma redação com falhas de coesão interna e externamente, sem empregos de ideias conectas e frases sintaticamente mal construídas. Notamos através do trecho: “O governo devia proibir a propaganda enganosa.” Além de demonstrar que o candidato não deseja que seu texto seja profundamente compreendido.

COMPETÊNCIA IV (CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO): Trata-se de uma redação formalmente incorreta, com frases sintaticamente mal construídas, com períodos sem elaboração que dificultam a compreensão e fluência do texto. Podemos observar a partir da primeira frase: “A publicidade no Brasil é muito ruim.” Onde o candidato não apresenta direcionamento nessa introdução e logo após não dá sentido à sua ideia demonstrando a incompreensão acerca do tema/problema.

3 Fatores do insucesso e dificuldades na produção de texto.

Das mais significativas abordagens sobre a questão da produção da escrita do aluno, depara-se com a que aponta problemas nas redações de vestibulandos e em redações escolares, cujos problemas decorrem principalmente da carência de concepção e interpretação de linguagem. Essa inconsistência resulta da falta de conhecimento técnico por parte do aluno e da inexistência de parâmetros que possibilitem a produção escrita dos alunos significativa.

Para produção escrita na escola, o problema passa significação da linguagem e a polissemia de sentidos, enquanto podemos ver que o mais importante na tarefa de entender o texto não está no reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-lo dentro de uma contextualização de fato, compreendendo sua colocação numa forma enunciada, de modo particular e individual. (BAKHTIN,1981 p. 93).

Muito se fala sobre os insucessos da educação no Brasil, mas apesar de tantas falhas apontadas, muito pouco tem sido feito com eficiência para minimizar os problemas. Depara-se então com uma dura realidade: alunos são avaliados pelo ENEM, por exemplo, que aponta resultados alarmantes e comprovam a constatação de professores e especialistas: a redação ainda é um bicho papão para muitos.

Erroneamente a Língua Portuguesa, quase sempre é encarada como objeto de estudo específico de uma disciplina e não como instrumento básico para aprendizagem de todas as outras disciplinas. Por abranger uma variedade tão grande de conteúdos didáticos, que muitas vezes, nem mesmo o professor sabe por onde iniciar seu trabalho: redação, leitura, compreensão de textos, tipos de textos, gramática; fica em dúvida sobre o que deve ser “ensinado primeiro”. (TORRES,1996, p.37)

Como os objetivos do ensino da Língua Portuguesa são habilitar o aluno a falar, ouvir, ler e escrever, os autores dos livros didáticos ora fazem opção por um, ora por outro objetivo. Alguns livros apresentam apenas propostas de redação, outros de leitura outros ainda optam por treinar a linguagem escrita.

Outro fato, é que o letramento não é só de responsabilidade do professor de língua portuguesa ou dessa área, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita. Inclusive os professores de outras disciplinas, o professor de geografia tem que ensinar seus alunos a ler mapas, o de matemática, a ler gráficos, por exemplo. Cada professor, portanto, é responsável pelas habilidades de letramento em sua área.

O fracasso escolar também se deve à avaliação, largamente empregada nas escolas, que muitas vezes é promotora da “decoreba”, que pouco estimula o raciocínio, e ocupa momentaneamente a memória descartável com informações que serão exigidas e posteriormente desaparecerão do cérebro como se nunca tivesse existido. (TORRES, 1996, p. 51)

Assim, quando os alunos são solicitados a produzir um texto, não conseguem encontrar nas experiências anteriores requisitos que os auxiliem. Além disso para o aluno escrever sobre o que não se conhece, apenas para cumprir obrigação, é a pior

situação possível. Na sala de aula muitas vezes se fornece um modelo formal, solicitando reflexões sobre um determinado tema, isto é, a estrutura sintático-semântica não decorre da reflexão sobre o tema, e sim o contrário: junta-se um emaranhado de fragmentos de reflexão, ou frases desarticuladas.

Preparar o aluno antes da proposta da produção textual é oferecer uma alternativa ao “não ter o que dizer”, e podem ser aplicadas a qualquer disciplina, pois estando envolvidos na temática, deixam de prestar atenção ao professor/corretor e ao artificialismo da situação, resultando numa produção com mais qualidade e na aprendizagem efetiva. A pretensão deverá partir do professor, de fazer o aluno ler melhor para levá-lo a uma boa escrita, deve-se observar os textos atuais, com estratégias adequada. O educando, no processo de interação social, vale-se de diversos meios de expressão para se comunicar, ter acesso à informação, expressar e defender pontos de vista, partilhar ou construir visões de mundo, produzir cultura. (PCNs, 2001, p. 59)

É importante ressaltar o valor da produtividade do discurso e o valor das atividades propostas em que o aluno possa expressar o seu conhecimento de mundo. Em (GERALDI, 1997) encontramos a citação de que: “A produção textual é um exercício em que os alunos podem mostrar o domínio que têm dos recursos expressivos aos docentes”. Continua o autor, com relação ao assunto, afirmando que: “A escrita real da fala do aluno [que] lançaria alunos e professores em busca de texto que ampliam o que se tem a dizer”. (GERALDI, 1997, p. 191).

3.1 A intermediação do professor

Não se trata de atribuir toda responsabilidade a este professor, mas de entender como ele lida com uma questão tão importante e que práticas desencadeia para tentar superar as deficiências apresentadas pelos alunos.

A decisão de centralizar essa pesquisa na figura do professor se deve, fundamentalmente, ao fato de acreditar na sua função mediadora no processo de ensino e aprendizagem, colocando-se como agente desencadeador de alternativas ao lidar com educandos que, em relação aos conhecimentos e habilidades na produção de textos, apresentam significativas diferenças e dificuldades.

A posição de um professor atuante e inovador não permitem que esse professor seja um mero ministrador de aulas, mas exige dele atualização constante e uma atuação coerente com a sua realidade. O professor pode começar a entender sua realidade educacional pesquisando sua própria ação em sala de aula e gerar contradições de como enfrentar desafios e revelar sua prática docente que nem a ele ficavam ou estavam claras; identificar uma experiência vivida em sala de aula sem muito sentido lógico; não encontrar pesquisas prontas, elaboradas acerca do problema que este vive em sala de aula, dentre tantos outros. Quando apreende e compreende essa realidade procura mecanismos que o auxiliem na solução de problemas identificados nessa apreensão, deve estar disposto a resolvê-los, mediante pesquisas.

A melhor maneira para que o professor alcance qualidade intelectual de se desenvolver e as suas atividades, essa é a pesquisa. “Não é ato isolado, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e sociedade nos impõem” (DEMO, 1977). A pesquisa deve ser entendida como meio de se obter uma capacidade de elaboração própria, que deve estar presente na atitude diária do professor e a pesquisa possa ser entendida como sendo diálogo inteligente com a realidade, vendo-a como um comportamento e ferramenta cotidianos do professor.

A pesquisa se torna importante nesta formação por incentivar os professores a estarem pesquisando sobre os problemas que enfrentam em sala de aula. Por contribuir com o entendimento acerca da realidade, tanto do aluno como do próprio professor e por promover uma emancipação intelectual e política tanto do professor quanto do aluno. Até porque para que o professor possa emancipar seu aluno é necessário que antes ele procure se emancipar. Nesse sentido é viável que enfoque de forma inovadora as práticas de leitura, produção, e correção de textos, uma vez que é o trabalho com textos que mobiliza todo o fazer do professor e do aluno no contexto de sala de aula.

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente a formação de escritores competentes, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece matéria-prima para escrita: o que escrever. Por

outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (PCNs, 1997 p. 53).

Tomando essas atividades como a capacidade de elaboração própria, a pesquisa e a leitura podem levar o aluno por sua vez a se emancipar crítica, intelectual e politicamente.

O ensino deve proporcionar uma reflexão e conscientização onde o aluno formule e descubra as regras e formas da língua para se aprimorarem tornando-se hábeis para escrever corretamente. Quem escreve, na verdade, escreve pra para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer e de como fazê-lo. (ANTUNES, 1937, p. 46)

Utilizar estratégias de direcionamento com perguntas do tipo: Porque você quer escrever esse texto? Você pensa em fazê-lo para que outras pessoas entendam? Como faz para utilizar a palavra que resuma a ideia? Qual parte mudaria? Podem ser realizadas atividades solicitando mudança dos papéis dos personagens, escreverem um final diferente.

O professor possui um leque de estratégias para estimular e direcionar a produção textual, e pode realizar outras se adequando as necessidades dos alunos. O professor deve criar uma situação prazerosa, para que os alunos sintam-se livres para produzirem, por exemplo, textos como diário de bordo para escrever registrando as aulas, conteúdos e acontecimentos, bilhetes e cartas.

Assim o aluno deve perceber a importância de planejar, revisar, escrever, podendo realizar atividades de reescrita através de um texto simples e transformando através da troca por frases mais elaboradas estimulando a maturidade sintática, é por meio do movimento de leitura/escrita e releitura/reescrita que o aluno adquire condições de compreender os mecanismos efetivos da língua. Atenta-se então para importância da elaboração de um rascunho para transcrição, revisão e correção.

A atividade de leitura/escrita/reescrita é o fator primordial para o aprimoramento do texto do aluno, é por meio desse movimento que ele adquire condições de compreender os mecanismos efetivos da língua. Acreditamos que um trabalho desenvolvido nesta perspectiva pode contribuir para que o educando, ao final do Ensino Médio, possa escrever com coerência e coesão, além de ser capaz

de comparar diferentes textos e diferentes linguagens, analisando e sintetizando fatos, ideias e/ou textos, e o professor demonstrará maior sensibilidade e disposição para desenvolver ações que se voltem a diagnosticar as dificuldades dos estudantes, utilizando metodologias e estratégias para resolvê-las ou mesmo amenizá-las, entre elas especificamente, a reescrita de textos.

Partindo do princípio que só faz sentido o trabalho da reescrita se for para melhorar a qualidade do produto, consideramos que este procedimento contribui para o resgate da discursividade, isto é, faz com que o aluno aprimore a sua capacidade de elaborar o seu próprio discurso no texto que produz. Embora tenhamos clareza da influência social que recebemos, o aprimoramento da produção escrita do aluno vai ocorrer na medida em que ela deixar de ser uma atividade puramente reprodutiva e apresentar características discursivas próprias, isto é, reflexões e incorporações pessoais.

O professor tem função de interagir com o aluno numa troca de experiências, evitar correções por meio de repressão apontando apenas os erros, que podem desestimular os alunos. Mas fornecer a partir do texto corrigido informações relevantes para que eles percebam as diferenças e não cometam os mesmos erros. O professor deve fornecer subsídios que auxiliem os alunos a superar os erros encontrados em seus textos, especialmente aqueles que se referem a propriedades da coerência e coesão. O professor deve mostrar explicitamente os recursos que deixam um texto coeso, bem como as condições para a estruturação coesiva e coerente dos textos.

Para (SERCUNDES, 2004, p. 95), O próprio texto fornece os conteúdos que serão estudados. Cabe ao professor nesse caso, indicar os itens a serem trabalhados a fim de que os alunos assimilem novos conceitos, e a cada reescrita novos tópicos surgirão. Ao se optar pelo trabalho com a leitura, produção e reescrita do texto, a atividade de correção assume importância fundamental. Ao invés de uma correção restrita à identificação de erros pontuais, o professor que corrige pode assumir o papel de leitor atento do texto do seu aluno, interessado em compreender o que o autor tem a dizer e ajudá-lo a melhorar, ou seja encontrar recursos linguístico-discursivos necessários a cada caso específico.

Após leitura e análise do texto do aluno, o professor terá elementos para identificar os problemas remanescentes e que precisam ser abordados de forma sistemática, inclusive as questões gramaticais que devem ser estudadas em sala de aula. Os problemas identificados ao longo do processo de reescrita do texto do aluno vão orientar o professor na elaboração de um diagnóstico mais confiável do que aquele que o aluno já sabe e do que ainda precisa aprender.

Esse diagnóstico se configura como uma avaliação não só da escrita do aluno, mas também das estratégias e conteúdos de ensino. Isso tudo pressupõe aulas de gramática cujo objetivo seja trabalhar como aluno/escritor o uso de recursos coesivos, por exemplo. A forma como é feita a correção do texto do aluno é muito significativa, pois é ela que vai poder ou não propiciar o êxito do trabalho em sala de aula. Se essa correção for bem direcionada, as intervenções realizadas pelo professor podem levar o aluno a refletir sobre os significados do texto que produziu, não perdendo de vista, porém, o processo interativo do professor funciona como elementos motivadores para o aluno, pois tem um caráter pessoal, na medida em que dirigem a atenção àquele ou àquela produção textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço deste trabalho consistiu em discutir sobre a real necessidade de um novo tratamento ao trabalho da produção textual na sala de aula. É claramente demonstrado que o momento de produzir textos deve compreender: prazer, motivação, trabalho e formalidade, respectivamente. É imprescindível resgatar o prazer de escrever por meios de propostas que privilegiem a vivência do aluno, ampliando, assim suas possibilidades de expressão. O aluno deve ser estimulado a escrever poesia, a produzir um conto, uma crônica, uma história de terror, assim como a manifestar-se de diferentes maneiras, pintando, desenhando histórias em quadrinhos, debatendo, falando, etc.

A motivação para escrever surge da necessidade de expressar-se. Para que isso ocorra, o aluno precisa se sentir à vontade, não pode ter medo de correções e só necessita da crítica se ela for construtiva e cooperativa. Um tom lúdico pode alegrar a atividade, descontrair os alunos e contribuir para um bom rendimento. Não é difícil convencer uma jovem romântica, que registra suas emoções num diário, que o que ela está fazendo é produção de texto. Também é possível mostrar ao jovem que fica horas numa sala de conversas na internet que, nessa situação, o que ele está fazendo é produção de texto.

É importante destacar que no processo de aprendizagem o papel do aluno é de suma importância, pois é sujeito da sua produção, ele é quem enriquece, modifica, e constrói seus instrumentos de ação e interpretação através da interação com os objetos de conhecimento, com os colegas e o professor. Contudo, na perspectiva educacional, cabe ao professor propiciar situações significativas de aprendizagem, em que o saber previamente construído pelo aluno na escola ou em seu cotidiano familiar e social seja resgatado e reelaborado, contextualizando-o ao conhecimento formal. Acredita-se que esse conjunto de práticas pedagógicas, solicitando constantemente do aluno uma postura ativa, reflexiva e crítica a respeito dos temas e dos gêneros abordados, propicie a ele uma ampliação de seu conhecimento e venha a prepará-lo para a produção de seu texto.

Muitas instituições de ensino ainda oferecem um ensino de redação centrado no discurso do professor, ou nas regras rotineiras já tão conhecidas, isto é, o aluno

escreve para o seu único leitor – o professor –, tentando responder ao que lhe é pedido: escrever textos a partir do nada e que tenham clareza, coesão, coerência, etc. e, acima de tudo, rigor gramatical. O resultado disso são textos vazios e pobres produzidos a partir de autores – os alunos – angustiados e coagidos. Diante disso, é de suma importância que o aluno fique ciente de que o texto existe dentro de um contexto que exige determinadas adequações em suas situações de produção. Dessa forma, o aluno sentir-se-á à vontade para anotar argumentos, rascunhar ideias, mas precisa aprender a escrever nas mais variadas modalidades escritas: quer seja em situações formais como informais

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil*. In: Bagno, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: LOYOLA, p. 333-350.

BRITO, Eliana Vianna. *PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula*. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

DEMO, Pedro. O desafio de educar pela pesquisa na educação básica. In: *Educar pela pesquisa*. 2ª ed. Campinas, SP; Autores associados, 1997.

GERALDI, João Wanderley. Da avaliação à produção de textos. In: CHIAPINI, Lúgia (coord.) *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 1997.

INEP/MEC. ENEM. Documento básico. Brasília, 1999.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

LOPES, A.R.C. O ensino em questão. São Paulo: Cortez, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual. *Análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial: 2008.

MEC/SEMTEC, *Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Médio. Parte I- Bases Legais*. Brasília: 1999.

SERCUNDES, Maria Madalena Iwamoto. *Sobre o que se escreve na escola*. In CHIAPPINI, Lúgia. Aprender e ensinar com textos de alunos. GERALDI, João Wanderley e CITELLI, Beatriz (Orgs). São Paulo: Cortez, 2004, p. 75 – 97.

TORRES, R.M. *Melhorar a qualidade da educação básica*. São Paulo: Cortez, 1996.

Sites

<http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/11/tema-da-redacao-do-enem-sobre-publicidade-infantil-no-brasil.html><Acesso dia 19 de Março de 2015 às 19:07 horas>

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/529-mil-alunos-obtiveram-nota-zero-na-redacao-do-enem-diz-mec.html><Acesso dia 19 de Março de 2015 às 19:12 horas>

http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=921id=13318option=com_contentview=article <Acesso dia 19 de Março de 2015 às 19:22 horas>

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/mec-divulga-notas-do-enem-2014.html><Acesso dia 19 de Março de 2015 às 19:30 horas>

http://www.srca.univasf.edu.br/arquivos/PS_ICG_2015_edital_enem_2014.pdf<Acesso dia 20 de Março de 2015 às 14:32 horas>